

A CRÍTICA DE KANT AO PRINCÍPIO DA RAZÃO SUFICIENTE DE LEIBNIZ

DERÓCIO FELIPE PERONDI MEOTTI^{1,2*}, EDIOVANI ANTÔNIO GABOARDI^{1,2}

¹Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Chapecó; ²Grupo de Estudos e Pesquisas em Problemas e conceitos-chave de Teoria do conhecimento à luz da Filosofia da linguagem e das linguagens formais;

*Autor para correspondência: Derócio Felipe Perondi Meotti (derocio_meotti@hotmail.com)

1 Introdução

Desde sua origem, a filosofia se pergunta o porquê das coisas, de sua existência e etc. Muitos filósofos tentaram dar uma resposta para tal pergunta, seja apontando para um fundamento suprassensível, seja para algo semelhante, mas que seria também *causa primeira*. No desenrolar da história da filosofia, as formas de conceber a origem primeira ganharam diversas formas. Uma delas, tentando ligá-las num único fundamento (um que fosse ao mesmo tempo *causa primeira* e também *razão* por trás da ordem das coisas), foi a forma dada por Leibniz, e o meio de que se usou para tal investigação foi o *Princípio da Razão Suficiente*. Tal princípio afirma que *nada acontece sem razão*, ou seja, não só há uma causa para tudo que existe, como também há uma *razão* que explica por qual motivo as coisas são deste modo e não de outro.

Deste modo Leibniz, percebendo que este mundo em que vivemos poderia não só ser de outro modo ao invés deste, como também que poderia nem ter existido, se pergunta: *por que existe algo ao invés de nada?* Isso porque, uma vez aceito o Princípio de Razão Suficiente como fio condutor da investigação, podemos concluir a contingência do mundo a partir do seguinte silogismo: 1) Tudo o que há existe por algum motivo; 2) O mundo existe, mas poderia não existir; 3) Logo, deve haver algum motivo (ou razão) para existir mundo ao invés de não existir. O problema é que, quando tentamos fornecer uma resposta para esta pergunta, esbarramos em paradoxos envolvendo *tempo* e *espaço*. Estes paradoxos, como pretende-se mostrar, além de não satisfazerem as condições exigidas pelo Princípio de Razão Suficiente, nos jogam em um labirinto do qual não podemos sair.

Posteriormente Kant, ao publicar a *Crítica da Razão Pura* (1781), nos fornece um meio de evitar os paradoxos envolvendo tempo e espaço. Este meio se dá quando percebemos que o problema não são as respostas, mas o modo como estamos considerando o que são o

tempo e o espaço: ele nos dirá que, se considerarmos tempo e espaço como coisas que existem independente de um sujeito que conhece, temos de aceitar que os paradoxos existem e que são insolúveis. Por outro lado, se “invertermos nossa perspectiva” e tornarmos *tempo* e *espaço* em formas *a priori* da intuição sensível, e não como coisas que existem de forma separada do sujeito que investiga, perceberemos que os paradoxos simplesmente desaparecem.

2 Objetivo

Mostrar, a partir da crítica kantiana presente na *Crítica da Razão Pura*, os limites do Princípio da Razão Suficiente com relação ao tempo e espaço.

3 Metodologia

Pretende-se, num primeiro momento, identificar como Leibniz formula e define o Princípio de Razão Suficiente, bem como seu uso, para então mostrar como tal princípio se depara com paradoxos insolúveis quando considera, em suas respostas, tempo e espaço como coisas em si. Para mostrar isso, usaremos a tese de Kant sobre o espaço e o tempo, evidenciando que os paradoxos acima citados só ocorrem porque tempo e espaço estão sendo considerados de forma equivocada na investigação.

4 Resultados e Discussão

A partir do confronto entre o pensamento dos dois filósofos, a saber, Leibniz e Kant, o estudo mostra que, considerando que *espaço* e *tempo* não existem “fora” do sujeito que pensa, mas “dentro”, como *condição de possibilidade da experiência* - ou seja, como formas puras (*a priori*) da intuição sensível -, é possível analisar a argumentação de Leibniz a partir de outro ponto de vista. As consequências dessa análise consistem em: 1) não faz mais sentido perguntar - usando o Princípio da Razão Suficiente - “*por que Deus criou o mundo em tal momento, e não antes ou depois?*”, uma vez que as representações (*fenômenos*) que são dadas no *tempo* (forma *a priori* da intuição sensível do ser humano) só fazem sentido se restritas a esses limites e, fora deles, não tem nenhum significado para nosso entendimento; 2) pelo mesmo motivo, também não faz sentido perguntar “*como Deus criou o mundo do nada? Se ele criou o mundo, pressupõe-se que ele estava fora dele para poder criá-lo, o que significa que Deus não criou o mundo do nada, mas a partir de si mesmo*”, uma vez que “fora” e

“dentro” são palavras que só têm sentido dentro dos limites da forma *a priori* da intuição sensível relativa ao tempo.

5 Conclusão

Portanto, conclui-se que o “giro copernicano” que Kant faz no método de investigação da teoria do conhecimento, tornando tempo e espaço formas puras da intuição sensível (ou *condições de possibilidade* da experiência), e não mais seres existentes de forma independente de um ser pensante (humano, no caso desta forma específica de *intuição sensível*), faz com que os paradoxos resultantes do Princípio da Razão Suficiente de Leibniz não só se desfaçam, como também limita a própria aplicabilidade do princípio, impedindo sua aplicação para além dos limites da experiência e, por consequência, mostrando que os paradoxos citados neste trabalho não são nada além de um mal entendido.

Referências

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução e notas de Fernando Costa Matos. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes; Bragança Paulista-SP: Editora Universitária São Francisco, 2012.

LEIBNIZ, Gottfried. Wilhelm. Princípios da Natureza e da Graça Fundados na Razão. Tradução de Alexandre da Cruz Bonilha. Revisão de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. In: _____. **Discurso de Metafísica e outros textos**. Apresentação de Tessa Moura Lacerda. São Paulo-SP: Martins Fontes, 2004.

_____. Os Princípios da Filosofia ou A Monadologia. Tradução de Alexandre da Cruz Bonilha. Revisão de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. In: _____. **Discurso de Metafísica e outros textos**. Apresentação de Tessa Moura Lacerda. São Paulo-SP: Martins Fontes, 2004.

_____. Da Origem Primeira das Coisas. Tradução de Carlos Lopes de Mattos. In: **Os Pensadores – Newton e Leibniz**. Vol. XIX. São Paulo-SP: Abril Cultural, 1974.

_____. Correspondência com Clarke. Tradução de Carlos Lopes de Mattos. In: **Os Pensadores – Newton e Leibniz**. Vol. XIX. São Paulo-SP: Abril Cultural, 1974.

Palavras-chave: Princípio da Razão Suficiente; Leibniz; Kant; Tempo; Espaço.

Fonte de Financiamento

PIBIC – FAPESC/UFFS